

RELAÇÕES FAMILIARES E ASPECTOS DA SOCIALIZAÇÃO INFANTIL EM FAMÍLIAS DE MÃES PROFISSIONAIS E NÃO PROFISSIONAIS *

Maria das Graças Torres da Paz
Eunice Maria Lima Soriano de Alencar
Universidade de Brasília

RESUMO - Foi objetivo do estudo investigar a percepção de mães profissionais e não profissionais com relação às seguintes variáveis: realização da mulher quanto ao trabalho que executa, motivos que a levam a trabalhar, a sua percepção tanto com relação à atitude do marido a respeito do trabalho que realiza quanto com relação à participação do pai nos cuidados com a família e envolvimento com os filhos, à extensão em que a mãe favorece a independência do filho, à principal autoridade na família e técnicas educativas diferenciadas para meninas e meninos. A amostra foi constituída de trinta mães que trabalhavam em tempo integral, trinta mães que trabalhavam em tempo parcial e trinta mães não empregadas. Um questionário foi utilizado para a coleta de dados. Diferenças significativas entre as percepções das mães nos três grupos foram observadas com relação aos diversos aspectos investigados, tendo sido constatado que a principal razão para o trabalho da mãe fora do lar era uma associação da necessidade financeira com realização pessoal. Constatou-se que as mães que permaneciam no lar sentiam-se menos realizadas que as demais e que aquelas que trabalhavam fora percebiam-se como estimulando de uma forma mais intensa a independência dos filhos e como apresentando ainda uma interação mais positiva com os mesmos. Observou-se também que no caso das famílias em que a mulher trabalhava fora, esta percebia o marido como tendo uma participação mais ativa, com um maior envolvimento na educação e socialização da criança. Observou-se ainda que, segundo o relato das mães, as crianças do sexo feminino obedeciam mais às mães que aquelas do sexo masculino, independentemente do trabalho exercido pela mulher. Os dados obtidos sugerem, conforme os relatos das mães, que o trabalho materno fora do lar afeta as relações familiares, gerando notadamente uma maior participação do marido e maior independência da criança.

* Este trabalho é baseado em parte da dissertação apresentada por Maria das Graças Torres de Paz à Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia, cujo resumo foi apresentado na 39ª Reunião Anual da SBPC em 1987.

FAMILY RELATIONSHIPS AND SOCIALIZATION OF CHILDREN
WITH EMPLOYED AND NON-EMPLOYED MOTHERS.

ABSTRACT - The study was designed to investigate, among employed and non-employed mothers, the woman's satisfaction with her work, the reasons that lead her to work, the mother's perception of the husband's attitudes regarding the care of the family and engagement with the children, the extent to which the mother fosters the child's independence, main authority in family and differential practices of rearing, according to the mother's perception. The samples consisted of 30 full-time, 30 part-time mothers, and 30 non-employed mothers. A questionnaire was used to collect the data. It was observed that the main reason for mother's employment was an association of financial need with self-realization. Non-employed mothers felt less satisfied, while employed mother had a more positive interaction with children, whose independence was also more stressed. Comparing the mother's perception, it was observed that employed mother's husbands were more involved with the children's socialization. It was also observed that obedience was more frequent among female children in all groups, according to the mother's report. The data suggest that mother's employment has an effect on family relations, on the husband's behavior at home and on children's independence.

Desde a década de 50, quando um número crescente de mulheres passou a exercer uma profissão fora do lar, os possíveis efeitos da ausência da mãe sobre a criança tem sido tema de muitas discussões e investigações.

Um dos primeiros pesquisadores a investigar os efeitos da separação e ou privação materna e a apontar os seus efeitos detrimenais foi Bowlby (1954), que chamou a atenção para a importância dos primeiros relacionamentos mãe-filho, os quais considerava fundamentais para a saúde mental da criança. Através de suas observações, Bowlby constatou que os bebês que viviam separados de suas mães em uma instituição, apresentavam inapetência, inércia, deixavam de sorrir e mais facilmente contraíam doenças, além de apresentarem um atraso geral em seu desenvolvimento. Bowlby acreditava ser de fundamental importância a presença de uma figura materna única e contínua, chamando a atenção para os efeitos adversos da separação mãe-filho, principalmente nos casos em que esta ocorresse até 06 anos de idade, considerando ainda que deveria ser evitado o cuidado materno partilhado com múltiplas pessoas, para crianças nos seus primeiros três anos.

Especialmente em um relatório feito por Bowlby, sob encomenda da Organização Mundial de Saúde, são salientados os vários efeitos adversos oriundos da separação mãe-criança. Este relatório teve um grande impacto em diversos países, uma vez que fornecia argumentos teóricos para que se estabelecesse um freio sobre o desenvolvimento de uma política de facilitação do trabalho feminino no mercado. (Rossetti Ferreira, 1986).

O trabalho de Bowlby foi criticado por vários pesquisadores, como Clarke e Clarke (1976) e Rutter (1979), os quais apontaram para várias falhas meto-

dológicas observadas no estudo, o que comprometia os resultados e interpretações apresentados.

Em anos recentes, Stuzey, McGhee e Bell (1982), posicionaram-se de forma diferente a Bowlby com relação à privação materna, ressaltando que os desajustamentos sociais e problemas de comportamento nas crianças, não se devem à separação da mãe, mas principalmente às discórdias e desarmonias nos lares. Estes autores salientaram ainda a maior importância da qualidade do relacionamento quando comparado com a quantidade do mesmo. Neste sentido, também Anderson (1980) enfatizou que as separações diárias têm menor importância que a qualidade e estabilidade das relações entre os membros da família no lar.

Dentre os principais estudos com amostras de crianças de mães profissionais a não profissionais, salientam-se os de Yarrow, Scott, De Leew e Heining (1962), Moore (1964), Woods (1972) e Hoffman (1977).

Yarrow e colaboradores investigaram diversos aspectos da socialização de crianças cujas mães trabalhavam fora do lar, tendo como uma das variáveis independentes a satisfação materna em relação ao trabalho exercido. Esses pesquisadores observaram que o ajustamento das crianças dependia do grau de satisfação da mãe em relação ao seu trabalho, tendo constatado que quanto maior a satisfação materna, melhor era o ajustamento da criança, independentemente da mãe trabalhar fora ou no próprio lar.

Também Moore (1964) observou que as crianças que ficavam sob cuidados alternativos estáveis durante o período em que a mãe estivesse trabalhando fora do lar, não apresentavam sinais de nenhum tipo de desajustamento, não ocorrendo o mesmo com as crianças que ficavam sob cuidados alternativos instáveis, nas mesmas circunstâncias.

Outra variável também estudada foi o grau de supervisão da criança na ausência da mãe. Interessado neste aspecto, Woods (1972) desenvolveu um estudo com duas amostras de crianças: uma que permanecia sob cuidados alternativos estáveis enquanto a mãe trabalhava fora do lar, e a outra cujos cuidados eram instáveis, ficando as crianças sem supervisão a maior parte do tempo. Este autor observou que as crianças não-supervisionadas exibiam um atraso no seu desenvolvimento cognitivo, o que era mais proeminente no caso das meninas do que dos meninos.

O sentimento de culpa que tem a mãe profissional, em função da preocupação sobre se o seu trabalho é benéfico ou não para seus filhos, a par dos motivos que a levam a trabalhar fora do lar, foram investigados por Hoffman (1977), o qual constatou que mães que trabalhavam tendo como motivo básico a sua auto-realização, apresentavam uma maior interação com os filhos, embora evidenciassem também uma supercompensação, apresentando suas crianças um comportamento de menor afirmação e menor efetividade nas interações com os companheiros. Por outro lado, as mães que trabalhavam por necessidade financeira apresentavam menor interação com os seus filhos, os quais, por sua vez, pareciam mais afirmativos.

Após uma revisão de estudos sobre a influência do trabalho da mulher em diversos aspectos do desenvolvimento psicossocial da criança, Etaught (1974) e Hoffman (1974, 1977, 1979) sugerem que o trabalho por si não é o fator crítico, não provocando distúrbios emocionais nem desajustamentos sociais nos filhos. Entretanto, é possível que o trabalho materno fora do lar afete de forma di-

versa meninas e meninos. Este aspecto é salientado por vários pesquisadores, como Baruch (1972), Hartley (em Hoffman, 1977), Hoffman (1974) e Gold e Andress (1978).

Os estudos revistos anteriormente sugerem que o trabalho materno afeta a socialização da criança, podendo provocar diferentes efeitos, dependendo de variáveis ligadas ao contexto, como a qualidade do atendimento que é dado à criança enquanto a mãe permanece fora do lar, ou variáveis da própria criança, como sua idade e sexo. Não encontramos, porém, na literatura, estudos em que a variável, tempo que a mãe permanece fora do lar, tenha sido investigada. Dada a relevância do tema e o reduzido número de pesquisas realizadas no Brasil sobre o efeito do trabalho da mulher na socialização infantil, desenvolvemos o presente estudo, o qual teve como objetivo investigar em famílias onde a mãe trabalhava fora em tempo integral e parcial e também no lar, as seguintes variáveis: realização da mulher quanto ao trabalho que executa, motivos que a levam a trabalhar a sua percepção tanto com relação a atitude do marido a respeito do trabalho que realiza, quanto com relação a participação do pai nos cuidados com a família e envolvimento com os filhos à extensão em que a mãe favorece a independência do filho, à principal autoridade na família e técnicas educativas diferenciadas para meninos e meninas.

MÉTODO

Sujeitos

A amostra foi constituída por noventa mães de classe média divididas em três grupos. Trinta mães trabalhavam tempo integral (40 horas semanais, horário comercial, com atividade remunerada). Trinta mães trabalhavam tempo parcial (20 a 24 horas semanais, diariamente em um mesmo turno, com atividade remunerada) e trinta mães trabalhavam no lar (não exerciam atividade remunerada).

Para escolha desta amostra, foi contactado um grande número de mães (N = 587) de crianças que estavam cursando o 3º jardim em várias escolas de Brasília-DF, tendo sido selecionadas 45 mães que tinham um filho do sexo masculino nesta série e 45 mães que tinham um filho do sexo feminino e que satisfaziam ainda os seguintes critérios: a) estar exercendo as suas atividades por um período mínimo de três anos; b) ser de status sócio-econômico médio; c) ter o marido presente no lar, sem história de separação do casal.

As 90 mães que constituíram a amostra final foram sorteadas dentre aquelas da amostra inicial de 587 que atendiam aos critérios estabelecidos para a escolha desta amostra.

Todas elas tinham dois, ou três filhos (o número médio de filhos foi de 2,8). De cada grupo de 45 mães, 15 permaneciam no lar, 15 trabalhavam em tempo parcial e 15 trabalhavam em tempo integral. Todas as mães tinham no mínimo o 2º grau completo.

Instrumento e procedimento

Utilizou-se no estudo um questionário com 20 questões, para levanta-

mento de informações sobre a família, que abordava os seguintes tópicos:

- Tipo de trabalho exercido pela mãe; Horário de trabalho; Satisfação no trabalho; Motivos que levam as mães a trabalharem; Atitude do marido com relação ao trabalho da mulher; Quem se responsabiliza pelo cuidado da casa e dos filhos; Independência dos filhos; Quem tem maior controle na família; Quem está mais envolvido com os filhos; Diferença de tratamento quanto à educação de meninos, meninas e realização quanto ao papel de mãe.

Antes de sua aplicação definitiva, este instrumento foi testado em uma amostra de 30 sujeitos, com vista a avaliar a adequação das instruções e a clareza e compreensão das questões*. Na aplicação definitiva do instrumento reuniam-se grupos de no máximo cinco mães em uma sala da escola onde o seu filho estudava.

RESULTADOS

Realização no trabalho

Com relação a esta variável (veja Tabela 1), observou-se que as mães trabalhavam em tempo parcial foram as que revelaram maior índice de realização com o seu trabalho, seguidas pelas mães que trabalhavam tempo integral. Já as mães que permaneciam no lar foram as que demonstraram menor grau de realização. Tais diferenças foram significativas ($X^2 = 8,29$; $p 0,01$).

TABELA 1 — Grau de realização de mães que trabalhavam fora do lar (Tempo Integral ou Parcial) e no lar.

	REALIZAÇÃO			
	MUITA		MÉDIA	
	N	%	N	%
Lar	12	40,0	18	60,0
Parcial	23	76,6	7	23,3
Integral	17	56,7	13	43,3
TOTAL	52	57,8	38	42,2

* Após esta aplicação inicial, algumas pequenas modificações foram feitas na forma de apresentação de algumas questões.

Percepção da mãe quanto à atitude do marido com relação ao trabalho da mulher

Quanto a esta variável, não se observaram diferenças significativas quanto a percepção das mães, nos três grupos ($X^2 = 3,75$, n.s.). Constatou-se que, de maneira geral, os maridos incentivavam suas esposas quanto ao trabalho que executavam, segundo a percepção da amostra feminina utilizada no presente estudo.

Independência dos filhos

As mães que trabalhavam fora por tempo integral e parcial consideravam seus filhos mais independentes que as mães que permaneciam no lar. Os resultados obtidos com relação a esta variável são apresentados na Tabela 2 e as diferenças entre os grupos foram significativas ($X^2 = 6,21$ p = 0,04).

TABELA 2 — Percepção da independência dos filhos por parte dos três grupos de mães.

	INDEPENDÊNCIA			
	SIM		NÃO	
	N	%	N	%
Lar	9	30,0	21	70,0
Parcial	16	55,2	13	44,8
Integral	18	60,0	12	40,0
TOTAL	43	48,3	46	51,7

Motivos que levam as mães a trabalharem fora ou permanecerem no lar

Observou-se, como apresentado na Tabela 3, que, um maior percentual de mães que permaneciam no lar (50%), o faziam por questões financeiras, enquanto que apenas 13,3% das mães de tempo parcial e 6,7% das mães de tempo integral tiveram na questão financeira o principal motivo do seu trabalho. As mães que exerciam atividades remuneradas fora do lar, tinham como principal motivo para o trabalho, uma associação da questão financeira e realização pessoal. Isto ocorreu entre 53,3% das mães de tempo parcial e 83,7% das mães de tempo integral. As diferenças observadas entre estes grupos foram significativas ($X^2 = 31,93$, p = 0,000).

TABELA 3 — Motivos que levaram as mães dos três grupos a trabalhar fora ou permanecer no lar.

	MOTIVO					
	FINANCEIRO		REAL PESSOAL		FINANCEIRO PESSOAL	
	N	%	N	%	N	%
Lar	15	50,0	9	30,0	6	20,0
Parcial	4	13,3	10	33,3	16	53,3
Integral	2	6,7	2	6,7	26	86,7
TOTAL	21	23,3	21	23,3	48	53,3

Cuidados da família

De acordo com a percepção das mães, observou-se, com relação a esta variável, que os maridos revelaram ter uma participação mais ativa nos grupos de mães que trabalhavam fora, como apresentado na Tabela 4. Ainda que esta participação do marido fosse dividida com a mulher e empregada, 93,3% das mães que trabalhavam período integral contavam com a colaboração do marido. Este percentual caiu para 80% quando as mães trabalhavam em tempo parcial e para 70% quando as mães não trabalhavam fora do lar.

Todas as mães da amostra participavam dos cuidados dispensados à sua família, sendo que 30% destas, que não trabalhavam fora, assumiam sozinhas o cuidado dos filhos, o mesmo acontecendo com 20% das mães que trabalhavam tempo parcial e 6,7% das mães que exerciam atividades profissionais em tempo integral. Observou-se ainda que as mães que trabalhavam tempo parcial, foram as que informaram contar mais com a colaboração do marido, sendo também o grupo que menos recorria ao auxílio da empregada doméstica para cuidar das crianças. As diferenças entre estes grupos foram significativas ($X^2 = 10,12$ p = 0,03).

TABELA 4 — Percepção das mães quanto aos cuidados com a família nos três grupos.

	CUIDADOS					
	MULHER		MARIDO-MULHER		MULHER-MARIDO EMPREGADA	
	N	%	N	%	N	%
Lar	9	30,0	3	10,0	18	60,0
Parcial	6	20,0	11	36,7	13	43,3
Integral	2	6,7	10	33,3	18	60,0
TOTAL	17	18,9	24	26,7	49	54,4

Envolvimento com os filhos

Quanto ao envolvimento com os filhos, constatou-se pelas respostas fornecidas pelas mães, que, no grupo de mães que não trabalhava fora, os maridos tinham um envolvimento significativamente menor com os filhos (20% dos maridos estavam envolvidos), em comparação com aquelas mães que trabalhavam tempo parcial (46,7% dos maridos estavam envolvidos), em tempo integral (56,7% dos maridos, estavam envolvidos). Estes resultados são apresentados na Tabela 5.

Por outro lado, constatou-se que as mães que trabalhavam fora em tempo parcial e integral estavam menos envolvidas com os filhos que as mães que não trabalhavam fora do lar. As diferenças observadas entre os grupos foram significativas ($X^2 = 8,90$, $p = 0,01$).

TABELA 5 — Percepção das mães quanto ao envolvimento com os filhos nos três grupos.

	ENVOLVIMENTO			
	MÃE		PAI	
	N	%	N	%
Lar	24	80,0	6	20,0
Parcial	16	53,3	14	46,7
Integral	13	43,3	17	56,7
TOTAL	53	58,9	37	41,1

Com quem as crianças preferem sair

Observou-se com relação a esta variável, diferenças significativas entre as crianças de mães que não trabalhavam e aquelas de mães profissionais, que trabalhavam tanto em tempo parcial como integral. De acordo com a percepção das mães constatou-se que 67,9% dos filhos de mães que permaneciam no lar preferiam sair com o pai e a mãe, enquanto 32,1% preferiam sair só com o pai e nenhuma criança preferia sair só com a mãe. Por outro lado, as crianças cujas mães trabalhavam fora do lar preferiam sair mais com suas mães (41,4% dos filhos de mães que trabalham tempo parcial e 39,3% dos filhos de mães que trabalham em horário integral) que com seus pais (32,1% das crianças cujas mães trabalhavam em tempo parcial e 28,6% das crianças cujas mães trabalhavam em tempo integral) que o pai e mãe (27,6% dos filhos de mães que trabalhavam em tempo parcial e 32,1% dos filhos de mães que trabalhavam em tempo integral). Estes resultados estão apresentados na Tabela 6. As diferenças observadas entre os grupos foram significativas ($X^2 = 17,86$, $p = 0,001$).

TABELA 6 — Percepção quanto a preferência das crianças a sair com o pai, a mãe ou ambas as figuras parentais por parte dos três grupos de mães.

	COM QUEM AS CRIANÇAS PREFEREM SAIR					
	MÃE		PAI		PAI-MÃE	
	N	%	N	%	N	%
Lar	0	0,0	9	32,1	19	67,9
Parcial	12	41,4	9	31,0	8	27,6
Integral	11	39,3	8	28,6	9	32,1
TOTAL	23	27,1	26	30,6	36	42,4

Com relação a este item sobre preferência da criança em sair com o pai, a mãe ou ambos, solicitou-se às mães para informar especificamente a preferência de seu filho ou filha que cursava o 3.º Jardim na escola onde os dados foram coletados. Os resultados obtidos com relação a este aspecto (veja Tabela 7) indicaram que, segundo relato das mães, os meninos preferiam sair mais com o pai (54,5% dos meninos) que com a mãe ou o casal, enquanto que 46,3% das meninas preferiam sair com a mãe e 48,8% delas preferiam sair com o casal, sendo altamente significativas as diferenças entre os grupos ($X^2 = 28,77$, $p = 0,000$).

TABELA 7 - Percepção das mães de meninos e meninas quanto a preferência do filho a sair com a mãe, o pai, ou ambas as figuras parentais.

SEXO DA CRIANÇA	SAIR					
	MÃE		PAI		CASAL	
	N	%	N	%	N	%
Masculino	4	9,1	24	54,5	16	36,4
Feminino	19	46,3	2	4,9	20	48,8
TOTAL	23	27,1	26	30,6	36	42,4

Com quem as crianças preferem brincar

Com relação a esta variável, foram solicitadas informações às mães sobre com quem o seu filho/ou filha (preferia brincar), não tendo sido observadas diferenças significativas entre as crianças de mães que trabalhavam em tempo integral, parcial ou no lar no que concerne a brincar com o pai, a mãe ou outra pessoa, uma vez que a maioria das crianças, segundo informações obtidas junto às mães preferia brincar com outras crianças que com os seus pais ($X^2 = 4,94$, n.s.).

A quem as crianças mais obedecem

Não foram observadas diferenças significativas nas respostas dos três grupos de mães quanto à variável de maior obediência do filho ao pai ou à mãe ($X^2 = 2,20$, n.s.)- Entretanto, ao se examinar as respostas de mães que tinham filhos do sexo masculino ou feminino na escola onde os dados foram coletados (veja Tabela 8), constatou-se diferença entre os dois grupos, no sentido de que as meninas obedeciam mais às mães que os meninos ($\chi^2 = 9,38$, $p = 0,002$).

TABELA 8 — Percepção das mães de meninos e meninas quanto a figura parental que a criança mais obedece.

SEXO DA CRIANÇA	OBEDIÊNCIA			
	MÃE		PAI- MÃE	
	N	%	N	%
Masculino	1	3,8	25	96,2
Feminino	15	41,7	21	58,3
TOTAL	16	25,8	46	74,2

Técnicas educativas (Carinho)

Com relação a variável carinho, observaram-se diferenças significativas ($X^2 = 20,60$, $p = 0,004$) entre os três grupos de mães, como apresentado na Tabela 9. O grupo de mães que trabalha fora considerou que tanto os meninos quanto as meninas deviam receber igual carinho, enquanto que um terço das mães que permaneciam no lar, respondeu que as meninas deviam receber mais carinho que os meninos.

TABELA 9 — Opinião dos três grupos de mães quanto a necessidade de crianças de sexo feminino receber mais carinho que as de sexo masculino.

	CARINHO					
	SIM		NÃO		IGUAL	
	N	%	N	%	N	%
Lar	9	30,0	7	23,3	14	46,7
Parcial	0	0,0	2	6,7	28	93,3
Integral	2	6,7	8	26,7	20	66,7
TOTAL	11	12,2	17	18,9	62	68,9

Técnicas educativas (brincadeiras da criança)

Não foram observadas diferenças significativas na percepção das mães dos três grupos, as quais consideraram que tanto os filhos como as filhas podiam ter o mesmo tipo de brincadeira, ou seja, os meninos podiam brincar brincadeiras de meninas e vice-versa.

DISCUSSÃO

Observou-se, no presente estudo, que as mães que permaneciam no lar, sentiam-se menos realizadas que aquelas que trabalhavam fora do lar em tempo integral e parcial, constatando-se ainda que as mães que exerciam atividades profissionais em tempo parcial foram as que demonstraram ter maior grau de realização. Esta maior realização por parte deste grupo de mães, talvez se explique por ser este grupo que possivelmente melhor tem conciliado os seus diversos papéis, uma vez que tanto se realizam profissionalmente com também atendem às suas funções de maternidade em consonância com os padrões estabelecidos. O menor grau de satisfação por parte das mães que permaneciam no lar, sugere que as funções de maternidade tradicionalmente estabelecidas, per si, não atendem totalmente a mulher dos nossos dias.

Quanto à percepção das mães relativa à atitude do marido com relação ao trabalho da esposa, não foram observadas diferenças significativas entre os grupos, o que sugere a ausência de uma resistência maior por parte do marido quanto ao trabalho exercido pela mulher fora do lar, como era comum, até a algum tempo atrás.

Dentre as razões alegadas para permanecer no lar ou exercer atividades profissionais, foram salientadas tanto a necessidade financeira como a de realização pessoal. Observou-se que metade das mães que permaneciam no lar, o faziam por razão financeira. Este dado sugere que provavelmente essas mães poderiam se enquadrar em uma mão-de-obra não especializada, sem possibilidade de acesso a um emprego que garantisse um bom salário. Desta forma, seria mais econômico permanecer trabalhando no próprio lar. Já as mães que trabalhavam fora, o faziam não apenas por questão financeira, mas também por uma necessidade de realização pessoal. Os dois motivos, portanto, estariam presentes. Desta forma, é possível hipotetizar que os aspectos negativos salientados por Hoffman (1972) com relação às mães que trabalhavam fora apenas por necessidade de realização, não tenham ocorrido no presente estudo, uma vez que somente duas mães que trabalhavam tempo integral o faziam apenas em busca de uma realização pessoal.

Os dados obtidos indicaram ainda que as mães que trabalhavam fora em tempo integral e parcial estavam menos envolvidas com os filhos que as demais. De acordo com o relato das mesmas, isto se deve provavelmente ao fato de estarem menos disponíveis em função do trabalho que executavam fora de casa e também por estimular nos filhos uma maior independência. Por outro lado, a menor independência permitida aos filhos por parte das mães que permaneciam no lar talvez possa ser explicada pela necessidade deste grupo em sentir-se útil, o que era alcançado através do cultivo da dependência na criança.

Observou-se no estudo, pelos dados do questionário respondido pelas mães, uma maior participação do pai na interação familiar naqueles casos em que a mãe trabalhava fora, embora tenha sido observado também que a mulher é ainda a principal responsável pelos cuidados com o filho. Este dado sugere que a variável trabalho materno pode estar contribuindo para a formação de uma figura paterna mais presente, o que implica em benefícios para um desenvolvimento mais saudável da criança.

É interessante notar, no entanto, também com base nas respostas dadas pelas mães, que apesar do maior envolvimento dos pais com os filhos de mães que trabalhavam fora, um percentual significativamente maior destas crianças preferiam sair mais com a mãe, que com o pai ou outras pessoas, o mesmo não acontecendo com o grupo de crianças cujas mães não trabalhavam fora do lar, as quais preferiam sair com o pai, ou com o pai e a mãe.

Uma possível explicação para os resultados obtidos com relação à maior preferência por parte da criança em sair com a mãe, quando esta trabalhava fora, estaria ligada à uma interação mais positiva com o filho, pelo fato da mãe estar mais satisfeita com o trabalho que desempenha como foi observado no presente estudo.

Observou-se ainda no estudo que, segundo relato das mães os meninos preferiam sair mais com o pai e as meninas com a mãe. Este dado é congruente com outros observados por pesquisadores de contextos diversos, os quais têm chamado a atenção para a contribuição da figura parental do mesmo sexo da criança para a aprendizagem do papel sexual do filho.

Foi também constatado de acordo com o relato das mães que as meninas obedeciam mais às mães que os meninos. Uma possível explicação para tal resultado estaria relacionada às características da interação mãe-filha e mãe-filho que parecem diferir. De modo geral, as mães tendem a ser mais exigentes com relação às filhas, além de reforçar de forma diferencial determinados traços tradicionalmente caracterizados como mais típicos a um sexo ou outro na sociedade ocidental. A obediência seria um dos traços que na nossa sociedade é considerado mais apropriado para meninas e esta seria, então, mais cultivada neste grupo.

CONCLUSÕES

Várias são as conclusões do presente estudo:

- 1 - As mães não profissionais sentem-se menos realizadas que as mães profissionais que trabalham fora em tempo integral e parcial.
- 2 - As mães profissionais têm como principal motivo para trabalhar uma associação da necessidade financeira com realização pessoal.
- 3 - De acordo com o relato das mães, os maridos de maneira geral incentivam suas esposas quanto ao trabalho que executam.
- 4 - As mães profissionais acreditam estimular mais a independência dos filhos que as mães não profissionais.
- 5 - Os maridos das mulheres profissionais são percebidos pelas mesmas "como mais envolvidos com os filhos e com a família que os maridos das mulheres não profissionais.
- 6 - As mães profissionais consideram que favorecem uma interação mais positiva com os filhos que as mães não profissionais.

- 7 - Asmeninas, conforme os dados coletados, obedecem mais às mães que os meninos, independentemente da profissionalização da mulher.
- 8 - As mães profissionais usam técnicas educativas semelhantes para meninos e meninas em maiores proporções que as mães não profissionais.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C.W. (1980). Attachment in daily separations: Reconceptualizing day care and maternal employment issues. *Child Development*, 51, 242-245.
- BARUCH, G.K. (1972). Maternal influences upon college women's attitudes toward women and work. *Developmental Psychology*, 6, 32-37.
- BOWLBY, S. (1954). *Los cuidados maternos e la salud mental*. Oficina Sanitária Panamericana. Organización Mundial de la Salud. Série de monografias, 2.
- CLARKE, A.M. & CLARKE, A.D.B. (1976). The formative years. Em A.M. Clarke e A.D.B. Clarke (Eds.). *Early Experience: Myth and Evidence*. London: Open Books.
- ETAUGHT, C (1974). Effects of maternal employment on children; a review of research. *Merril-Palmer Quarterly*, 20, 71-98.
- GOLD, D. & ANDRESS, D. (1978). Developmental comparisons between ten-years-old children with employed and nonemployed mothers. *Child Development*, 49, 75-84.
- HOFFMAN, L.W. (1972) Early childhood experiences and women's achievement motives. *Journal of Social Issues*, 28(2), 129-155.
- HOFFMAN, L.W. (1974). Effects of maternal employment on the child: review of the research. *Developmental Psychology*, 10, 204-228.
- HOFFMAN, L.W. (1977). Changes in family roles, socialization, and sex differences. *American Psychologist*, 32, 644-657.
- HOFFMAN, L.W. (1979). Maternal employment: 1979. *American Psychologist*, 34, 859-865.
- MOORE, T. (1964). Children full-time and part-time mothers. *International Journal of Social Psychiatry*, 2, 1-10.
- ROSSETTI, FERREIRA M.C. *Mãe & criança, separação & reencontro*. São Paulo; Edicon, 1986.
- RUTTER, M. (1979). Maternal deprivation, 1972-1978: New findings, new concepts, new approaches. *Child Development* 50, 283-305.
- STUCZEY, M.F.; MCGHEE, P.E. & BELL, N.S. (1982). Parent-child interaction: the influence of maternal employment. *Developmental Psychology*, 18(4), 635-644.
- WOODS, M.B. (1972). The unsupervised child of the working mother. *Developmental Psychology*, 6, 14-25.
- YARROW, M.R.; SCOTT, P.; DE LEEWW, L. & HEINING, C (1962). Child rearing in the families of working and nonworking mothers. *Sociometry*, 25, 122-140.

Texto recebido em 14/10/87.